



ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS UTILIZANDO RECURSOS TECNOLÓGICOS

CHILDREN LITERACY USING TECHNOLOGICAL RESOURCES

Valéria de Alvarenga Pimenta Vilas Boas¹; Celso Vallin²

Universidade Federal de Lavras, UFLA, Brasil

Resumo

Os conteúdos do presente artigo apresentam um breve relato sobre algumas questões referentes aos processos de alfabetização e de letramento e algumas considerações sobre o uso de tecnologias e do computador em ambiente escolar e de alfabetização. Mostram que o surgimento de recursos tecnológicos como ferramenta educacional e a crescente familiarização dos alunos com esses aparatos têm feito com que os professores busquem utilizar essas alternativas como instrumental didático. Nessa perspectiva, partimos para um estudo de caso com o objetivo principal de identificar se o uso do computador, com atividades voltadas para o ensino inicial da leitura e da escrita, especificamente das correspondências entre fonemas e grafemas, poderia colaborar, de alguma forma, com um grupo específico de alunos que ainda não havia atingido o nível alfabético da escrita. A pesquisa foi realizada, no segundo semestre do ano de 2010, com um grupo de alunos matriculados no 3º ano do Programa Básico de Alfabetização. Esses alunos já haviam frequentado os dois primeiros anos do Programa e, portanto, deveriam estar consolidando os processos de leitura, escrita, mas ainda se encontravam em níveis abaixo do esperado. As atividades do *software* apresentam estratégias fônicas, visuais e articulatórias, ressaltando, assim, o trabalho com algumas das facetas necessárias ao domínio inicial dos processos de leitura e de escrita. Concluímos que, quando aplicados de maneira sistemática, esses recursos tecnológicos colaboram com a evolução de alunos com atrasos no processo de leitura e escrita, trazendo uma roupagem nova para o trabalho com essas crianças; caracterizam-se com como uma atividade diferente, interessante, atrativa e motivadora e promovem uma maneira mais lúdica e significativa de aprendizagem, propiciando uma alfabetização mais condizente com a realidade do século XXI.

Palavras-chave: leitura; escrita; *software* educacional.

Abstract

This paper presents a brief report about some questions related to literacy processes and some considerations about the use of technologies and computers in scholar and literacy environments. It shows that the emergence of technological resources as an educational tool and the growing familiarization of students with them has caused teachers to try to use these alternatives as teaching instrumental. In this perspective, we carried a case study out with the main goal of identifying if the use of computers, with activities directed to the initial teaching of reading and writing, specifically of the relationship between phonemes and graphemes, could contribute, somehow, with a specific group of students who had no yet obtained the alphabetic level of writing. The research was conducted, at the second semester of 2010, with a group of students enrolled at the third year of the literacy basic program. Those students had already attended the two first years of the program and, therefore, they should be consolidating the process of reading and writing, but they were still at levels lower than the expectations. The software activities have phonic, visual and articulation strategies, thus highlighting the work with some of the necessary facets to initial domain of reading and writing processes. We conclude that, when applied in a systematic way, those technological resources collaborate with the progress of students with delays in reading and writing, bringing a new way to work with those children; they are also considered a different, interesting, attractive and motivating activity and promote a more playful and meaningful way of learning, providing a literacy more consistent with the reality of twenty-first century.

Keywords: reading; writing; educational software.

¹ Mestranda na Universidade Federal de Lavras/DED. Professora alfabetizadora em escola pública de Lavras, MG. valeriaevbvboas@yahoo.com.br

² Doutor em Educação. Professor Adjunto, Universidade Federal de Lavras/DED. celsovallin@ded.ufla.br



ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS UTILIZANDO RECURSOS TECNOLÓGICOS

Introdução

Questões relacionadas com a qualidade educacional, principalmente na fase inicial da aprendizagem da leitura e da escrita, e com a inserção das tecnologias em ambientes escolares vêm sendo discutidas com bastante frequência em nosso país na produção acadêmica.

Relacionando os dois temas, no presente texto, descreve-se uma pesquisa que teve como objetivo principal identificar se o uso do computador, com atividades voltadas para o ensino inicial da leitura e da escrita, especificamente das correspondências entre fonemas e grafemas, poderia colaborar, de alguma forma, com um grupo específico de alunos que ainda não havia atingido o nível alfabético da escrita.

Tentando nos desvincular um pouco da cultura do papel, tão cristalizada nos ambientes de alfabetização e buscando investigar as potencialidades vindas dos recursos digitais, propusemo-nos realizar a pesquisa com um grupo de alunos do 3º ano do Programa Básico de Alfabetização (PBA3), ou seja, 3º ano do Ensino Fundamental de nove anos, de uma escola da rede pública de um município de Minas Gerais.

O desenho metodológico de nossa pesquisa é caracterizado como um estudo de caso. Realizamos ações que nos proporcionasse uma vivência de uso do computador com um grupo de alunos em processo de alfabetização e que nos possibilitasse uma análise crítica das possibilidades oferecidas por essa vivência.

Apresentamos um breve relato sobre algumas questões referentes aos processos de alfabetização e de letramento, algumas considerações sobre o uso de tecnologias e do computador em ambiente escolar e de alfabetização, e partimos para a o relato da pesquisa e suas considerações.

Estamos cientes de que apenas o uso do computador não seja a solução de todos os problemas educacionais, mas consideramos a proposta de inserção do computador no ambiente de alfabetização como um aliado nesse processo, não como um condicionante desse processo.

Algumas questões sobre alfabetização e letramento

Concebemos que o processo de alfabetização exige do aprendiz o desenvolvimento de habilidades cognitivas complexas para a compreensão de suas propriedades. Sabemos que exige um trabalho efetivo do docente visando a possibilitar aos alunos a aquisição desse sistema notacional. Sabemos que não é algo que acontece espontaneamente, apenas na interação com o objeto de conhecimento, que há algum tempo, eram os textos escritos no papel, e que, nos dias atuais, estamos contando também com os recursos advindos das tecnologias digitais. É um processo que precisa ser ensinado de maneira sistemática.

Magda Soares (SOARES, 2003) diz que o aprendizado da leitura e da escrita deve caminhar por duas vias: uma delas seria a alfabetização, que ocorre por meio do aprendizado de uma “técnica”, que é aprender a ler e a escrever



relacionando sons com letras, fonemas com grafemas, e também a segurar um lápis, aprender sobre orientação, alinhamento e uma série de outros aspectos. A outra via seria o letramento, que consiste em desenvolver as práticas sociais de uso dessa técnica, usufruir da leitura e da escrita de forma efetiva. Diz que não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la. Que a alfabetização não é pré-requisito para o letramento. A mesma autora diz também:

(...) é preciso reconhecer a possibilidade e necessidade de promover a conciliação entre essas duas dimensões da aprendizagem da língua escrita, integrando alfabetização e letramento, sem perder, porém, a especificidade de cada um desses processos, o que implica reconhecer as muitas facetas de um e outro [...]. (SOARES, 2004, p. 15)

No que se refere às facetas do letramento, Soares (2004, p. 15) cita a “imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito”. Quanto às facetas do processo de alfabetização, podemos enumerar “consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações fonema-grafema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita.” (SOARES, 2004, p. 15).

Maciel e Lúcio (2009) argumentam que, quando Paulo Freire diz não basta que as crianças saibam ler “Eva viu a uva”, é preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.

Soares (2003) acredita também que a alfabetização tem suas especificidades, que seria o domínio da técnica, do código convencional da leitura e da escrita, das relações fonema/grafema e do uso dos instrumentos com os quais se escreve e que não podem ser desprezados. Esse desprezo gera o que ela denomina como a “desinvenção” da alfabetização. Não se pode abandonar, esquecer ou desprezar a especificidade desse processo e que esta é uma das principais causas que vemos acontecer hoje: a precariedade do domínio da leitura e da escrita pelos alunos. Afirma que essa concepção de alfabetização está, de certa maneira, associada ao construtivismo mal difundido nas escolas brasileiras.

Sobre esse respeito, Morais (2005) afirma que, com o desenvolvimento da noção de letramento, a partir dos anos 1980, muitos pesquisadores e professores passaram a defender, como tarefa primordial da alfabetização, inserir os alunos no mundo da escrita apostando no suposto aprendizado “espontâneo”, sem um ensino que ajude o aprendiz a desvendar os enigmas do alfabeto. Diz que muitas vezes, até pensam que se poderia continuar usando qualquer um dos velhos métodos de alfabetização, desde que, na sala de aula, ocorressem práticas de leitura e produção de variados gêneros textuais. Ao contrário, propõe que é necessário criar um ensino sistemático, que auxilie, dia após dia, os alunos a refletirem conscientemente sobre as palavras, para que venham a compreender como esse objeto de conhecimento funciona e possam memorizar suas convenções.

Morais (2006) afirma também que as tentativas de “didatizar” a teoria da psicogênese da escrita tenderam a negligenciar o papel da promoção das habilidades metafonológicas dos aprendizes e a não garantir um ensino sistemático



das correspondências letra-som. Acredita que o ideal é aliar um ensino sistemático da notação alfabética com a vivência cotidiana de práticas letradas, que permitam ao estudante se apropriar das características e finalidades dos gêneros escritos que circulam na sociedade.

A psicogênese da escrita é tratada no primeiro livro de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, intitulado *Psicogenese da língua escrita*, que busca dar uma explicação sobre os processos e formas que as crianças aprendem a ler e a escrever.

Esse livro, de acordo com Azenha (1993), representou uma revolução nos conceitos e nas referências teóricas que tratavam do processo de alfabetização. Iniciou a instauração de um novo paradigma para a interpretação do modo pelo qual as crianças aprendem a ler e escrever. A mesma autora diz que Ferreiro desvendou a “caixa preta” dessa aprendizagem quando estudou a gênese psicológica da compreensão da língua escrita.

Referindo-se aos processos da aquisição da língua escrita, Ferreiro (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985) os classifica em fases ou níveis, são eles: a) nível pré-silábico: a criança escreve indistintamente sem relacionar as letras com seus sons correspondentes; b) nível silábico: a criança tenta fazer corresponder uma letra para cada sílaba, começa a compreender que existe uma relação entre os sons e a escrita; c) nível silábico-alfabético: é uma escrita que oscila entre o nível anterior e o posterior (algumas letras representam sílabas e outros fonemas); d) nível alfabético: correspondências entre fonemas e grafias.

Concordamos com a afirmativa de Soares (2003) sobre a necessidade de se levar em conta a especificidade do processo de alfabetização e optamos em aliar essa necessidade ao desejo de promover o ensino e a aprendizagem de uma maneira mais contemporânea, pautada pelo uso de tecnologias digitais, tendo em vista que esse uso já faz parte da cultura vivenciada pelos alunos, nativos digitais.

O uso de tecnologias e do computador em ambiente escolar e de alfabetização

Segundo Almeida e Silva (2011), o trabalho com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na educação contribui para mudança das práticas educativas, pois promove a criação de uma nova ambiência em sala de aula e na escola. Segundo as autoras, essa nova possibilidade repercute em todas as instâncias e relações envolvidas nesse processo, promovendo mudanças na gestão de tempo e espaços, nas relações entre ensino e aprendizagem, nos materiais de apoio pedagógico, na organização e representação das informações por meio de múltiplas linguagens.

Podemos afirmar que a possibilidade da presença das tecnologias está cada vez mais presente na educação de um modo geral. Isso tem feito que o trabalho docente seja repensado e reconfigurado para atender às exigências que se descortinam com essa possibilidade.

Valente (1999) fala que o computador deve ser utilizado para auxiliar o aprendiz no processo de construção do seu conhecimento e também enriquecer ambientes de aprendizagem. Diz ainda que a informática poderá ser usada para apoiar a realização de uma pedagogia que proporcione a formação dos alunos, possibilitando o desenvolvimento de habilidades que serão fundamentais na sociedade do conhecimento.



Com as possibilidades vindas das TDIC, faz-se necessário buscar novas maneiras de ensinar e de aprender. Conforme Moran (2009), temos que buscar um ensinar mais compartilhado, orientado, coordenado pelo professor e com mais participação dos alunos. Ele afirma que as tecnologias poderão ajudar muito e que não podemos dar aula da mesma forma para alunos diferentes, para grupos com diferentes motivações, sendo necessário adaptar nossa metodologia, nossas técnicas de comunicação a cada grupo.

A presença das tecnologias digitais oferece possibilidades para a pedagogia de um modo geral, iniciando na educação infantil chegando até a pós-graduação. Por meio de *softwares* abertos³ ou até mesmo *softwares* educacionais⁴, o professor, inclusive o alfabetizador, terá como apresentar aos seus alunos um ensino sistemático da escrita e leitura, que seria a alfabetização, promovendo também o letramento, pois fará o uso de práticas sociais contemporâneas com as interfaces do computador.

O uso do computador em ambientes de alfabetização poderá servir como uma ferramenta para complementar o letramento voltado para práticas sociais quirográficas e tipográficas de leitura e escrita. Virá colaborar com o trabalho manuscrito, com o uso do lápis, do caderno, do livro e do texto impresso e não substituir uma técnica por outra.

Pedro Demo diz o seguinte:

Se fôssemos minimamente justos com as crianças, deveriam ser alfabetizadas com computador, porque já agora, mas principalmente no futuro, precisarão deste tipo de linguagem impreterivelmente. O texto impresso não vai desaparecer, mas não será preponderante. Os modos de comunicação e interação assumem outras urdiduras textuais que, além de mais atraentes e motivadoras, parecem - por conta da reconstrução virtual - mais reais. (DEMO, 2007, p. 558)

Demo (2007) também apresentou dois impasses no que se refere à alfabetização, ao preparo dos alfabetizadores e ao uso das tecnologias nas escolas, são eles: i) grande parte dos alfabetizadores não sabe alfabetizar, porque o curso que fez não era profissional; ii) nem todos sabem lidar com o computador para alfabetizar. Deixa bem claro que esse tipo de problemática não se supera da noite para o dia e que o atraso vai nos custar caro, mas é possível ir pensando como dar conta dele.

Será impreterível organizar escolas nas quais o computador faça parte inarredável da aprendizagem dos alunos, de modo progressivo e sistemático, até que todo o ambiente esteja inserido nas novas tecnologias. Não é o caso imaginar que o aluno só use o computador. Precisa também aprender a escrever com a mão, a ler fora da tela, a apreciar literatura clássica. (DEMO, 2007, p. 558)

³ *Software* aberto – programa de computador que propicia ao aluno ser o autor, a criar, a “ensinar o computador” (VALENTE, 2001).

⁴ *Software* educacional – programa de computador que ensina o aluno com instruções a serem seguidas (VALENTE, 2001).



Associando a alfabetização com os recursos tecnológicos, podemos encontrar uma série de atividades e jogos disponíveis em páginas da *internet* ou em *softwares* que são voltados para o desenvolvimento dos alfabetizandos. Neste estudo, analisaremos o uso de um *software* desenvolvido por Fernando e Alessandra Capovilla e Elizeu Coutinho de Macedo (CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C.; MACEDO, 2010), intitulado *Alfabetização fônica computadorizada*. Os autores afirmam que o programa alia o caráter lúdico da informática à apresentação sistemática das letras e dos respectivos fonemas e das atividades de consciência fonológica.

Aplicando os recursos tecnológicos em sala de aula

Partindo do objetivo principal desta pesquisa e do caminho metodológico percorrido, podemos caracterizá-la como um estudo de caso. De acordo com Yin (2010), “o estudo de caso é uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes”.

Buscando analisar o fenômeno que nos propomos, subdividimos a pesquisa nas seguintes fases:

- a) avaliação inicial realizada em uma classe do 3º ano do PBA, por meio de uma escrita espontânea que possibilitasse a identificação dos níveis de escrita dos alunos e a seleção da amostra;
- b) intervenção que foi feita com os alunos, no segundo semestre do ano de 2010, disponibilizando o acesso ao computador por meio das atividades do *software* com recursos audiovisuais voltados para estratégias fônicas, por aproximadamente 2 horas diárias e três vezes por semana;
- c) observação da participação e do envolvimento dos alunos com as atividades, feita pela professora/pesquisadora;
- d) realização de escrita espontânea no decorrer do período em que os alunos estavam participando das atividades no computador para acompanhamento de possíveis evoluções.

A avaliação inicial e as realizadas no decorrer da intervenção, foram feitas por meio da escrita espontânea por acreditarmos na riqueza oferecida por essa atividade. Ferreiro (2001, p. 16) diz que “os indicadores mais claros das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas”. Afirma ainda que “quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado.” Buscamos, então, acompanhar as possíveis evoluções dessas crianças, tendo a produção espontânea como instrumento principal de avaliação.

Optamos pelo trabalho com essa turma por ser a que a pesquisadora-professora, primeira autora do artigo, atuava e por se tratar do 3º ano do PBA, período em que as capacidades básicas do processo de alfabetização devem ser consolidadas (BATISTA et al., 2005). A necessidade de consolidação dessas



capacidades com grupos de alunos em níveis diferentes de domínio da leitura e da escrita ratificou um grande desafio encontrado pela professora-pesquisadora e a motivou a buscar novas possibilidades e recursos para o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

Por meio da avaliação inicial, selecionamos cinco alunos para que pudessem compor o grupo de análise. Esses alunos possuíam idades entre sete e doze anos. A escrita espontânea desses alunos nos apontou que eles estavam, de acordo com Ferreiro (1985), nas seguintes fases de domínio da escrita:

- ALUNO 1- fase silábica alfabética
- ALUNO 2- fase silábica alfabética
- ALUNO 3- fase pré-silábica
- ALUNO 4- fase pré-silábica
- ALUNO 5- fase alfabética

A escolha desse grupo de alunos se justifica pela necessidade de colaborar com o domínio de algumas facetas do processo de alfabetização necessárias à apropriação dos processos de leitura e escrita. Um dos alunos selecionados já estava na fase alfabética, porém não apresentava domínio das regularidades diretas da escrita⁵ com fonemas de sons parecidos, como f/v, t/d, p/b. Consideramos que o trabalho com o *software* referido poderia contribuir com essa criança por se tratar especificamente de questões relacionadas com as correspondências fonemas e grafemas.

Uma das crianças que estava no nível pré-silábico carregava um rótulo de fracasso na aprendizagem do sistema de escrita alfabética pois já havia sido desacreditada pela equipe pedagógica da escola por ter frequentado os três anos iniciais voltados para a alfabetização, ter ficado retida por mais um ano com o intuito de ganhar mais tempo para essa aquisição e mesmo assim não apresentava evoluções significativas.

Foi buscando consolidar as facetas enumeradas por Soares (2004) que se referem à consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações fonema-grafema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita e apostando em um aprendizado que, de acordo com Morais (2005), ajude o aprendiz a desvendar os enigmas do alfabeto, que optamos pelo uso do CD *Alfabetização fônica computadorizada*, elaborado por Capovilla, Capovilla e Macedo (2010).

Optamos por esse recurso por considerarmos também a possibilidade de associação da alfabetização com os recursos tecnológicos. De acordo com Capovilla, Capovilla e Macedo (2010), o programa desenvolve duas competências dos alunos: consciência fonológica e conhecimento das correspondências entre grafemas e fonemas. Os autores afirmam ainda que o programa alia o caráter lúdico da informática à apresentação sistemática das letras e dos respectivos fonemas e das atividades de consciência fonológica.

Gostaríamos de ressaltar que reconhecemos que trabalhar a parte técnica da alfabetização é necessário, mas temos que conjugar essas práticas com

⁵ Morais (2010, p. 35) diz que o grupo das regularidades diretas são dominadas cedo pelos aprendizes, pois são casos onde “não existe nenhuma outra letra ‘competindo’ com a única letra disponível, na ortografia da língua, para grafar aquele som.”



as do letramento, envolvendo os alunos nas práticas de leitura e escrita que circulam na sociedade. Por esse motivo, as crianças que fizeram parte do grupo de pesquisa também participavam de aulas que envolviam reflexões e práticas que envolviam vários portadores de textos e gêneros textuais, incluindo os advindos das interfaces do computador.

Resultados e discussão

Analisando, por meio das escritas espontâneas dos alunos, no decorrer das semanas em que foram participando das atividades disponibilizadas no computador, observamos que todos evoluíram dentro de suas particularidades.

No final do ano, quando eles foram avaliados pelo PROALFA⁶, ficou comprovado que todos eles atingiram o nível alfabético e o nível recomendado para a etapa em que se encontravam. Para obter o nível recomendado, a proficiência⁷ dos alunos na avaliação realizada pelo PROALFA deve ser superior a 500 pontos. Os alunos que participaram das intervenções conseguiram as seguintes médias:

- ALUNO 1 – 593,0 – Diagnosticado, inicialmente na fase silábica alfabética;
- ALUNO 2 – 546,4 – Diagnosticado, inicialmente na fase silábica alfabética;
- ALUNO 3 – 555,8 – Diagnosticado, inicialmente na fase pré-silábica;
- ALUNO 4 – 635,1 – Diagnosticado, inicialmente na fase pré-silábica;
- ALUNO 5 – 594,8 – Diagnosticado, inicialmente na fase alfabética.

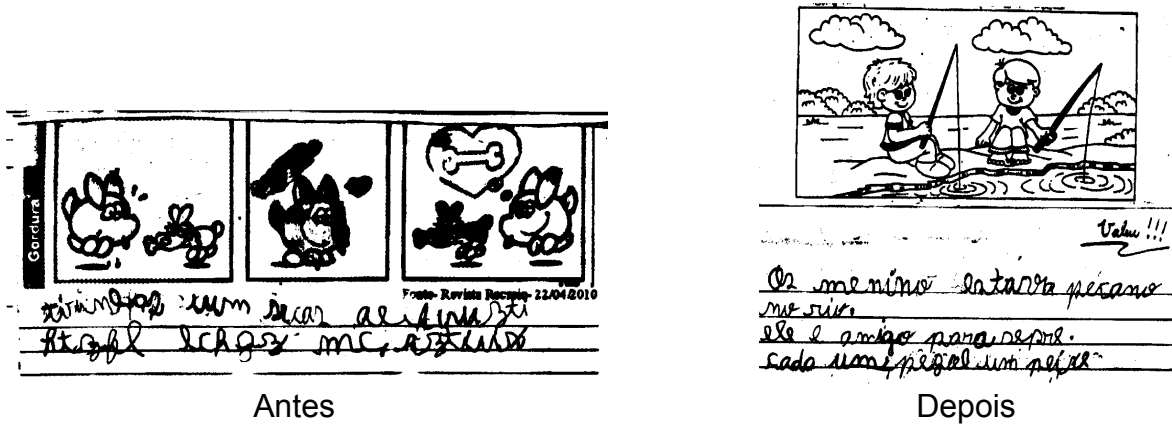
O aluno que já estava no nível alfabético e apresentava muitas trocas na transcrição de fonemas/grafemas apresentou redução em algumas delas, mas percebemos também que esse aluno necessitava de ajuda de um fonoaudiólogo. Foi sugerido e acatado pelos pais a busca por esse profissional.

O aluno que estava desacreditado pela equipe pedagógica e que havia ficado retido por mais um ano no Programa Básico de Alfabetização conseguiu compreender o sistema notacional de escrita alfabética e terminou o ano fazendo o uso social da leitura de uma maneira mais fluente e da escrita com restrições. Seu histórico de fracasso escolar foi substituído por um histórico de superação. O aluno se libertou de um olhar “analfabeto” do mundo e se inseriu no mundo real da leitura e da escrita.

⁶ PROALFA – Programa de Avaliação da Alfabetização que integra o Sistema Mineiro de Avaliação, do SIMAVE. Tem como objetivo obter dados e informações do desempenho dos alunos quanto ao desenvolvimento de suas competências e habilidades cognitivas necessárias ao processo de alfabetização (MINAS GERAIS, 2009).

⁷ A escala de proficiência dos alunos é realizada segundo critérios estatísticos, conjugados ao ponto de vista pedagógico. Os dados são apresentados em uma escala que revela níveis de desempenho dos alunos em um *continuum* que compreende desde o nível mais baixo até o mais alto (MINAS GERAIS, 2009).

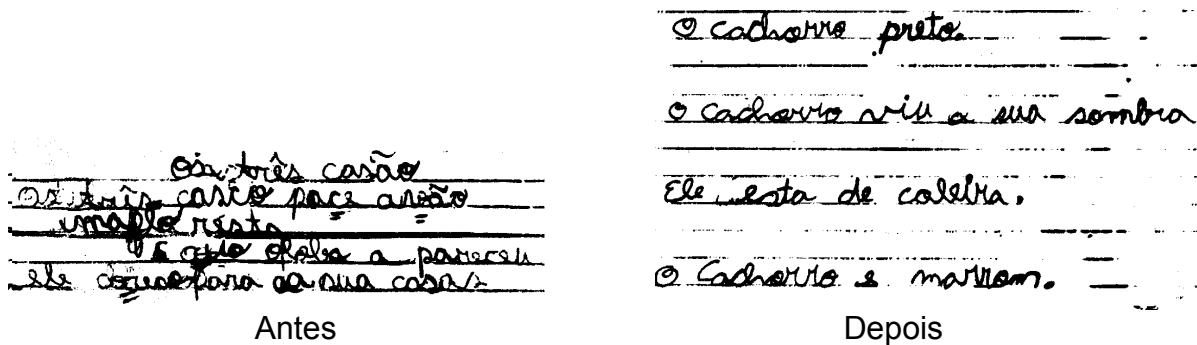
Figura 1 – Atividades desenvolvidas pelo aluno que já estava desacreditado pela equipe pedagógica antes e depois do uso das intervenções.



Fonte: Elaborado pela autora.

O outro aluno que estava na fase pré-silábica também evoluiu para a fase alfabética, porém apresentando ainda restrições quanto à escrita. Os alunos 1 e 2, que estavam na fase silábica alfabética, apresentaram evoluções no domínio das relações grafemas/fonemas e na compreensão da leitura e da escrita de um modo geral e passaram para a fase alfabética da escrita

FIGURA 2 – Atividades desenvolvidas por um dos alunos que passaram da fase silábica alfabética para a fase alfabética.



Fonte: Elaborado pela autora.

Sabemos que não existem elementos, no delineamento da pesquisa, que permitam estabelecer relação de causa e efeito entre o uso do software associado às demais atividades realizadas em aula e o desempenho das crianças. Por outro lado, é natural que façamos comparações com práticas realizadas no primeiro semestre com o mesmo grupo de alunos em que não foram realizadas as intervenções com as tecnologias. Dessas observações, constatamos que no 1º semestre, por mais que déssemos atividades diferenciadas pautadas em recursos tipográficos para esses alunos, eles não conseguiam uma evolução significativa. Os avanços visíveis só ocorreram a partir do momento em que foram submetidos às atividades no computador. Mesmo participando de aulas de reforço extraturno no semestre anterior, o retorno obtido com o uso do computador foi claramente mais efetivo.



Pelo comportamento e colocações dos alunos que ainda não estavam na fase alfabética, podemos afirmar que alguns deles se sentiam desinteressados e até mesmo envergonhados e constrangidos em realizar atividades voltadas para recursos quirográficos e tipográficos, voltadas para o ensino inicial da leitura e da escrita, com os outros colegas. Essas atividades, geralmente se caracterizam como atividades de crianças mais novas, do PBA1 e 2, pelo qual já haviam passado.

Quanto às intervenções realizadas por meio do computador, mesmo que com características do ensino inicial da leitura e da escrita, constatamos que, quando articuladas como recurso digital, eram motivadoras, pois todos queriam realizá-las prontamente. O que vimos no decorrer das intervenções foi uma nova e estimulante relação dos alunos com a aprendizagem. Segundo relatos dos próprios alunos, eles se sentiam importantes e valorizados por terem a oportunidade de desenvolverem as atividades no computador.

As atividades disponibilizadas no *software* permitiam a interação do aluno com o conteúdo de forma lúdica, primeiramente por serem apresentadas de uma maneira pouco habitual para eles, que era por meio do computador, e também por apresentar caça-palavras, travadinhas e figuras variadas, despertando o interesse e a vontade de realizarem as atividades propostas.

Percebemos que em momento algum as crianças apresentaram dificuldades no que diz respeito à manipulação do computador ou em desenvolver as atividades a eles disponibilizadas. Observamos que a maioria já havia tido algum contato com computadores, seja em suas casas, pontos comerciais ou na casa de terceiros.

Considerações finais

Quando cogitamos essa junção de estratégias, nosso intuito não era de retomar velhos métodos, mas de buscar uma metodologia eficaz, sem apostar no aprendizado espontâneo, mas, sim, no aprendizado vindo de um ensino ordenado, que realmente ajudasse o aprendiz a compreender o alfabeto e suas notações. Pretendíamos ainda propiciar situações diferentes, que pudessem despertar novas atenções, motivações e empenhos daquelas crianças que já se mostravam um tanto desacreditadas e desanimadas para enfrentarem o processo de alfabetização.

Gostaríamos de ressaltar também que não tínhamos a intenção de avaliar a eficácia de um ou de outro método de alfabetização, principalmente do método fônico, visto que os alunos observados na pesquisa não estavam imersos em um ambiente que fosse voltado para o ensino da leitura e da escrita que tratasse apenas das especificidades desse método. Segundo a professora-pesquisadora, o ambiente que os alunos interagiam era voltado para o letramento com práticas que envolviam o uso social da leitura e da escrita.

Retomando nosso objetivo principal, que era de identificar se o uso do computador com atividades voltadas para o ensino inicial da leitura e da escrita, especificamente das correspondências entre fonemas e grafemas, poderia colaborar, de alguma forma, com um grupo específico de alunos que ainda não havia atingido o nível alfabético da escrita, podemos concluir que o computador colaborou sim. As contribuições se apresentaram das seguintes formas:



- a) no que se refere ao objetivo descrito pelos autores do *software* utilizado, que era promover o conhecimento das correspondências entre grafemas e fonemas, consideramos que foi atingido, pois os cinco alunos apresentaram evolução no que concerne a esse aspecto;
- b) o uso do computador trouxe uma roupagem nova para o trabalho com crianças que apresentavam dificuldades e atrasos na compreensão dos processos de leitura e escrita, fazendo com que saíssem de uma situação de vergonha e constrangimento para uma situação de valorização;
- c) se caracterizou como uma atividade diferente, interessante, atrativa e motivadora para os alunos.

Tais considerações ratificam a afirmativa de Almeida e Silva (2011) em que dizem que o trabalho com as TDIC na educação contribui para mudança das práticas educativas, pois promove a criação de uma nova ambiência em sala de aula e na escola.

Após a realização dessa pesquisa, consideramos que já está na hora de oferecermos aos nossos alunos essas possibilidades provenientes da interação com os recursos tecnológicos, cotidianamente, promovendo, assim, uma maneira mais lúdica e significativa de aprendizagem, propiciando uma alfabetização mais condizente com a realidade do século XXI.

Na escola em que a pesquisa foi realizada, o trabalho de intervenção com o uso do computador e do *software Alfabetização fônica computadorizada* continua sendo realizado atualmente com os alunos com atrasos no domínio da leitura e da escrita.

Referências

- ALMEIDA, M. E. B. de; SILVA M. da G. M. da. Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 7, n. 1, abr. 2011.
- AZENHA, M. G. **Construtivismo**: de Piaget a Emília Ferreiro. 7. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- BATISTA, A. A. G. et al. **Capacidades da alfabetização**. Belo Horizonte: Ceale/FAE/UFMG, 2005. (Coleção Instrumentos da Alfabetização; 2).
- CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C.; MACEDO, E. C. **Alfabetização fônica computadorizada**. 3. ed. São Paulo: Memnon, 2010.
- DEMO, P. Alfabetizações: desafios da nova mídia. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 543-564, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n57/a06v5715.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2013.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales et al., 24. ed. atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.



MACIEL, F. I. P.; LÚCIO, I. S. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (organizadoras). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2. Ed, Belo Horizonte. Autêntica Editora, Ceale, 2009.

MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Org.). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Boletim Pedagógico do PROALFA 2008**. Governo do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

MORAIS, A. G. de. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização? In: MORAIS, A.; ALBUQUERQUE, E.; LEAL, T. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005. p. 29-45.

MORAIS, A. G. de. Concepções e metodologias de alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre “velhos” métodos? In: **CONFERÊNCIA DO SEMINÁRIO ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM DEBATE**. Ministério da Educação, abr. de 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_moarisconcpmetodalf.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2012.

MORAIS, A. G. de. Ortografia: objeto de aprendizagem baseada na reflexão. **Revista Educação – Guia da Alfabetização**. Segmento, 2010.

MORAN, J. M. Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação**. 16. ed. Campinas: Papyrus, 2009. p. 11-65.

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização. **Presença Pedagógica**, v. 9, n. 52, jul./ago., 2003.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, 2004.

VALENTE, J. A. Informática na educação no Brasil: análise e contextualização histórica In: VALENTE, J. A. **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas, SP: Unicamp/NIED, 1999. Disponível em: <<http://www.nied.unicamp.br/oea/pub/livro1/index.html>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

VALENTE, J. A. A informática na educação: como, para que e por quê. **Revista de Ensino de Bioquímica**, n. 1, p. 27-31, 2001.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookmen, 2010.

Enviado em: 31/01/2013 Aceito em: 31/10/2013
